

LUDICIDADE NA POESIA INFANTIL

RESUMO: Este trabalho discute o caráter lúdico do gênero poético quando dedicado ao público infantil, porque o poema lembra um jogo ao brincar com as palavras. O mais importante é que a poesia, por lembrar uma brincadeira para criança, faz com que ela entre no mundo da escrita oportunizando o desenvolvimento do gosto e o hábito da leitura.

Palavras-chave: Gênero poético. Lúdico. Jogo. Brincar.

1 INTRODUÇÃO

Aborda-se, neste texto, o caráter lúdico que a poesia apresenta quando destinada ao público infantil. A partir dessa reflexão, propõe-se perceber a poesia infantil pelo seu aspecto sonoro primeiramente, e o jogo que as palavras oportunizam ao se ler o poema, o que lembra para criança uma brincadeira. O texto analisa o aspecto sonoro de alguns poemas, e discute sobre outras especificidades do gênero, trazendo sempre um exemplo de poema, porque deseja contribuir com o trabalho de sala de aula do professor, oportunizando uma ideia de poema e o enfoque para ser trabalhado em aula, que melhor agrada o pequeno leitor. Ao final apresenta-se uma lista de autores gaúchos que escrevem poesia infantil, bem como algumas obras como sugestão.

2 ESPECIFICIDADES DA POESIA INFANTIL

Quando a poesia é dedicada ao público infantil, ela tem no caráter lúdico seu elemento fundamental. O jogo entre as palavras, assim, leva à

brincadeira e convida o leitor a imaginar e estabelecer relações com o cotidiano – uma interação que atua sobre os sentidos e faz recriar a escrita. O poema seguinte, de Paes, faz um convite ao leitor: ‘Vamos brincar de poesia?’.

Convite

Poesia
é brincar com palavras
como se brinca
com bola, papagaio, pião.

Só que
bola, papagaio, pião
de tanto brincar
se gastam.

As palavras não:
quanto mais se brinca
com elas
mais novas ficam.

Como a água do rio
que é água sempre nova.

Como cada dia
que é sempre um novo dia.

Vamos brincar de poesia?
(PAES, 1991, s/p)

O poema, quando dedicado à criança, lembra um jogo, pois brinca de forma divertida com as palavras, explica Oberg (2006) ao comparar a poesia com um jogo de tabuleiro:

No tabuleiro da poesia, as palavras e os leitores se movem juntando as peças que farão o jogo acontecer, a palavra do leitor alia-se à palavra do poeta e, nessa interação, os sentidos se constroem, os versos ganham vida. [...] E, como se aprende jogar jogando, para experimentar o jogo com a poesia é preciso pôr a mão na massa, é preciso lê-la.

Ao ler o poema, a criança desenvolve seu poder criador como participante do mundo que a rodeia. Isso porque durante todo o tempo os estímulos externos agem sobre os órgãos do sentido. Tome-se como exemplo o poema que consta a seguir, que fala sobre um jogo de bola que parece ser jogado e visto pelo leitor durante a leitura do texto.

Jogo de bola

A bela bola
rola:
a bela bola do Raul.

Bola amarela,
a da Arabela.

A do Raul,
azul.

Rola a amarela
e pula a azul.

A bola é mole,
é mole e rola.
(MEIRELES, 1979, p.16)

Apesar de a arte representar a vida, ela não deixa todas as informações evidentes. Dessa forma, é necessário um trabalho de raciocínio do leitor, que vai, aos poucos, montando as peças que compõem o quebra-cabeça, já que o texto artístico pode favorecer múltiplas interpretações. A relação entre o sistema e a possibilidade de estabelecer conexão com o mundo vivido leva à significação, que acontece a partir das inter-relações estabelecidas. O texto não é algo acabado, terminado, fechado; ao contrário, é um processo. Dessa forma, o leitor tem que participar do processo de leitura para construir o significado daquilo que está lendo. Para isso, ele utiliza todo o conhecimento prévio armazenado e proveniente de suas

experiências de vida, visto que a linguagem empregada pela arte facilita a cada leitor a construção de sua própria leitura.

Na organização do poema, a linguagem é entendida como secundária, com palavras que se interligam e promovem uma pluralidade de leituras possíveis. As múltiplas possibilidades de leitura do poema compõem uma particularidade do texto artístico: promover uma compreensão diferente para cada leitor e a cada vez que se lê. Isso, por sua vez, depende das ligações extratextuais construídas durante a leitura. O poema “A casa” é um exemplo do processo de construção das informações que o leitor deve realizar durante a leitura:

A casa

Era uma casa
Muito engraçada
Não tinha teto
Não tinha nada
Ninguém podia
Entrar nela não
Porque na casa
Não tinha chão
Ninguém podia
Dormir na rede
Porque na casa
Não tinha parede
Ninguém podia
Fazer pipi
Porque penico
Não tinha ali
Mas era feita
Com muito esmero
Na rua dos Bobos
Número Zero.
(MORAES, 1991, p.28)

A primeira especificidade da poesia é com **relação ao aspecto fônico**, ele acentua as repetições dos fonemas, prima pelo aspecto sonoro do texto e é a característica mais importante quando o poema é destinado ao público infantil. A ênfase na melodia, segundo Bordini (1986), tem como

objetivo agradar o leitor, como faz as cantigas de ninar que acalmam a criança pequena. Eis um exemplo de acalanto:

Boi, boi, boi,
Da carinha preta;
Pega essa menina,
Que tem medo de careta.
(MELO, 1985, p.26)

Bordini (1986), afirma que, mais adiante, quando o pequeno cresce, ele adquire a habilidade verbal, que marca o início das habilidades comunicativas. Na nova fase, o poema é desafiador no momento da leitura dos versos, e contribui para o aprimoramento das habilidades comunicativas ao jogar com as palavras através de fonemas de difícil articulação e trocas vocálicas e consonantais. Ao produzir um poema para a criança, o poeta prima pelo trabalho articulatório, acima da real significância, e, muitas vezes, produz conjuntos de representação ilógicos, realçando a sonoridade em detrimento do sentido. Observa-se o trabalho do poeta de voltar ao folclore, mas com novos versos, atualizando a parlenda. Pode-se considerar o exemplo:

Encadeadinho

Segunda-feira
falo besteira.
Besteira nada,
falo na fada.
Se a fada é boa,
falei à toa?
Toa não ouve,
não come couve...
Que houve comigo?
Não sei o que digo...
(SEBEN, 1997, p.117)

Nenhum som tomado separadamente no discurso poético tem significância; não é possível entender o poema ao se analisar

particularmente cada som, somente pela interpretação complementar, quando o leitor percebe as redes de ligação e as organiza segundo suas próprias ideias. O texto a seguir pode ilustrar esse processo, com a repetição do mesmo som palatal-lateral /lh/:

Coisas de abelha

Abelha abelhuda!
Entrou pela orelha
de uma coelha
felpuda.
(BEBIANO, 1973, p. 66)

A poesia, quando dirigida à criança, brinca com palavras, sons e sentidos em comunhão com o ludismo. Como faz Vinicius de Moraes, ao priorizar o aspecto sonoro, explorando palavras com o som /p/, que sugerem, durante a leitura, o caminhar do pato. O “P” é uma letra surda (sem vibração das cordas vocais), oclusivas, bilabial e proporciona o toque do lábio superior e inferior. Observe-se o texto a seguir:

O pato

Lá vem o Pato
Pata aqui, pata acolá
Lá vem o Pato
Para ver o que é que há.
[...]
(MORAES, 1991, p.40)

Os sons no poema podem ser organizados segundo as figuras de linguagem *assonância* e *aliteração*, que, assim como o ritmo, ajudam a criança a memorizar o texto e agradam muito o pequeno leitor. Figuras de linguagem costuram os versos na estrofe e o fazem fluir, contribuindo para a amarração das estruturas em andamento sobre a melodia.

Observando-se a sonoridade no poema, a primeira figura de linguagem a ser destacada é a *assonância*, que é a repetição de vogais nos versos. As vogais marcam o ritmo durante a leitura, quando a vogal /u/



sugere ao leitor o barulho do vento que sopra. A vogal /u/ pertence ao grupo de timbre fechado, pelo fato de a boca ser menos aberta durante sua pronúncia. Pode-se considerar o exemplo:

Recado

Ao vento da noite
sussurro sete segredos:
tudo que tenho por fora
tudo que tenho por dentro
que o vento vá levando
minha sede de amor
pule cercas pule sebes
abra porteiras no mar
derramando meu recado
nos quatro cantos do ar
(MURRAY, 1991, p.13)

Outra figura de linguagem que dá vida ao poema através do seu aspecto sonoro é a *aliteração*, marcada pela repetição de consoantes nos versos. No poema a seguir, conta-se com a aparição do /nh/, consoante palatal - nasal:

O Elefantinho

Onde vais, elefantinho
Correndo pelo caminho
Assim tão desconsolado?
Andas perdido, bichinho
Espetaste o pé no espinho
Que sentes, pobre coitado?

- Estou com um medo danado
Encontrei um passarinho!
(MORAES, 1991, p. 36)

Ainda observando a combinação entre as palavras no poema, outro aspecto a ser salientado é o da rima, que cria melodia no verso através da harmonia entre as palavras e por meio do jogo de sonoridades. O poema,

porém, deve ir além do ritmo e da rima, é necessário alcançar o inaugural, isto é, descobrir no já conhecido algo novo, e, ao mesmo tempo, falar sobre o mundo infantil. A poesia fala com a criança quando revela o mundo de forma lúdica e estimula sua inventividade. Pode-se observar no seguinte poema a rima entre as palavras ‘passear-conversar’, ‘dizer-aparecer’, ‘inventar-mar’, ‘jardim-fim’, ‘escrever-ler’ e o acento as sílabas finais:

O menino azul

O menino quer um burrinho
para passear.
Um burrinho manso,
que não corra nem pule,
mas que saiba conversar.

O menino quer um burrinho
que saiba dizer
o nome dos rios,
das montanhas, das flores,
— de tudo o que aparecer.

O menino quer um burrinho
que saiba inventar histórias bonitas
com pessoas e bichos
e com barquinhos no mar.

E os dois sairão pelo mundo
que é como um jardim
apenas mais largo
e talvez mais comprido
e que não tenha fim.

(Quem souber de um burrinho desses,
pode escrever
para a Ruas das Casas,
Número das Portas,
ao Menino Azul que não sabe ler.)
(MEIRELES, 1979, p.24)

A criança tem interesse pela sonoridade e pelo ritmo da poesia devido ao convívio lúdico que possibilitam e por atingirem diretamente os sentidos,

o que os coloca como elementos básicos no poema dirigido à criança. O poema a seguir ilustra a combinação entre palavra e sons denominada onomatopéia, e estimula a criança a imaginar um relógio funcionando. O ritmo é dado pela palavra tic-tac, que remete o leitor ao som das horas passando durante a leitura:

O relógio

Passa, tempo, tic-tac
Tic-tac, passa, hora
Chega logo, tic-tac
Tic-tac, e vai-te embora
Passa, tempo
Bem depressa
Não atrasa
Não demora
Que já estou
Muito cansado
 Já perdi
Toda a alegria
De fazer
Meu tic-tac
Dia e noite
Noite e dia
Tic-tac
Tic-tac
Tic-tac...
(MORAES, 1991, p.24)

Da mesma forma que a poesia, o pensamento infantil tem uma lógica metafórica que atribui maior valor à imagem. Ambos privilegiam a palavra como algo misterioso e concreto, que não só representa, mas se apresenta, deixando de ser signo para tornar-se símbolo porque foi motivada e, assim, presentifica o objeto. Esse processo de presentificação é muito comum na criança porque ela não possui noção de tempo. Para ela, é sempre presente, visto de forma contínua; por isso, o ato de reviver proporcionado pela poesia é tão familiar.

Quando o leitor sentir-se tocado para entrar no campo das representações, ele vai reparar que o discurso poético é imaginariamente sensorial. Diz Bordini (1986, p. 32): “Todo discurso evoca não as coisas, mas seus conceitos”. Tais palavras são reforçadas pelos versos:

As pessoas sem imaginação
Podem ter tido as mais imprevisas aventuras,
Podem ter visitado as terras mais estranhas.
Nada lhes ficou. Nada lhes sobrou.
Uma vida não basta apenas ser vivida:
Também precisa ser sonhada.
(QUINTANA, 2005, p. 7)

Uma especificidade do gênero poético, segundo Bordini (1986), é a capacidade perceptiva que ele possibilita por meio da percepção imagética contida no **condensamento e na força das palavras**, que é a “vereda poética de desvendamento das aparências sensoriais” (p.26). A percepção do mundo, para a criança, é bem diferente da visão que o adulto possui. Sua apreensão é emotiva e global; por isso, a poesia, com seu formato condensado e emotivo, sensibiliza-a de maneira tão forte. O poema a seguir exemplifica o condensamento e a força das palavras, pois, utilizando poucos vocábulos, consegue expressar a ideia de um lindo pássaro dançando sobre um lago congelado:

Grou de crista vermelha

Na imagem duplicada,
O grou dança de forma delicada
Sobre um espelho de gelo

Toda a floresta pára
Para vê-lo.
(LALAU, 2008)

Outra especificidade da poesia infantil trata da possibilidade que ela cria para o leitor de desenvolver a **imaginação**. A palavra imaginação aparece no dicionário com o significado de “faculdade que possui o espírito

de representar imagens; capacidade de evocar imagens de objetos anteriormente percebidos; capacidade de formar imagens originais; faculdade de criar a partir da combinação de ideias; criatividade ou obra criada pela fantasia” (HOUAISS , 2007, p. 1573).

A forma como a linguagem está organizada na poesia infantil promove o exercício da imaginação voltado para resolução de problemas e por meio da re-elaboração dos dados apresentados que formarão uma nova configuração. Favorece, portanto, o desenvolvimento da imaginação; por tal motivo, salienta-se a importância de a criança manter contato com o poema, para desenvolver a capacidade criadora infantil na conversa consigo mesma durante a leitura e através da descoberta de si como ser participativo no mundo. O mundo não é só o que se vê na realidade, mas a maneira como se pode ver; por conseguinte, o poema está repleto de informações. Assim diz o texto seguinte, que faz brotar os mais íntimos sentimentos vindos do coração:

Sonho

Um poema que, ao lê-lo, nem sentirias que ele já estivesse escrito, mas que fosse brotando, no mesmo instante, de teu próprio coração.

(QUINTANA, 2006, p. 36)

Um recurso valioso revelado pela poesia é a incompletude proporcionada pela linguagem e preenchida pelo mundo imaginário do leitor. O poeta, nesse sentido, recorta elementos do mundo e os arranja de forma bastante econômica, ao usar poucas palavras para expressar as ideias. Então, como a última especificidade da poesia infantil, surgem os pontos vazios no texto, que são **lacunas que a voz ficcional silencia**. Tais vazios serão preenchidos automaticamente pelo leitor, conforme diz Iser (1979, p. 110): "Quanto maior a quantidade de vazios, tanto maior será o número de imagens construídas pelo leitor". A noção de vazio se concretiza no

pensamento infantil através da força da linguagem que o preenche e presentifica. O caráter inacabado do mundo ficcional estimula a criança a construir seu imaginário, a pensar, a transformar e a se reconhecer como um ser que pensa. Trata-se a seguir de um poema que compara o mosquito a uma serraria; o trabalho de compreender a comparação estabelecida fica para o leitor:

O mosquito

O mundo é tão esquisito;
Tem mosquito.

Por que, mosquito, por que
Eu... e você?

Você é o inseto
Mais indiscreto
Da criação
Tocando fino
Seu violino
Na escuridão.

Tudo de mau
Você reúne
Mosquito pau
Que morde e zune.

Você gostaria
De passar o dia
Numa serraria
Gostaria?

Pois você parece uma serraria!
(MORAES, 1991, p. 58)

CONCLUSÃO

Já que o poema possui maior força na sonoridade, é aconselhável despertar o gosto da criança pelo poético, uma vez que a mensagem atua mais sobre as sensações infantis do que sobre seu entendimento. Como no

seguinte poema que faz lembrar uma vovó falando por meio do som do nhem-nhem-nhem-nhem:

A língua do nhem

Havia uma velhinha
Que andava aborrecida
Pois dava a sua vida
Para falar com alguém.

E estava sempre em casa
A boa da velhinha,
Resmungando sozinha:

nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem....

O gato que dormia
No canto da cozinha
Escutando a velhinha,
Principiou também
A miar nessa língua
E se ela resmungava,
O gatinho a acompanhava:

nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem....

depois veio o cachorro
da casa da vizinha,
pato, cabra e galinha,
de cá, de lá, de além,

e todos aprenderam
a falar noite e dia
naquela melodia

nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem....

de modo que a velhinha
que muito padecia
por não ter companhia
nem falar com ninguém,
[...]

(MEIRELES, 1979, p.73)

Para que o professor incentive a leitura de poesia em sala de aula sugerem-se alguns autores e suas respectivas obras, citadas por ano de publicação, título da obra, autor e editora:

2005	<i>Emburrado</i>	Sisto, Celso	Porto Alegre	Paulus
2005	<i>Mmmmmmonstros!</i>	Silvestrin, Ricardo	São Paulo	Salamandra
2005	<i>Bolacha Maria: cheiros e gostos da infância</i>	Urbim, Carlos	Porto Alegre	WS
2005	<i>Bestiário</i>	Souza, Gláucia de	Porto Alegre	Projeto
2007	<i>Circo mágico: poemas circenses para gente pequena, média e grande</i>	Britto, Alexandre	Porto Alegre	Projeto
2007	<i>Brinçar</i>	Camargo, Dilan	Porto Alegre	Projeto
2008	<i>E um rinoceronte dobrado</i>	Bernardi Jr, Hermes	Porto Alegre	Projeto
2008	<i>Transpoemas</i>	Silvestrin, Ricardo	São Paulo	Cosac Naify
2009	<i>A moda genética</i> <i>Dez casas e um poste que Pedro</i>	Silvestrin, Ricardo	São Paulo	Ática
2010	<i>fez</i>	Bernardi Jr, Hermes	Porto Alegre	Projeto
2010	<i>Poeplano</i>	Camargo, Dilan	Porto Alegre	Projeto
2010	<i>A arca de haicais</i>	Dill, Luís	Porto Alegre	WS
2011	<i>Dever de casa</i>	Urbim, Carlos	Porto Alegre	Projeto
2011	<i>Do alto do meu chapéu</i>	Souza, Gláucia de	Porto Alegre	Projeto

ABSTRACT: This paper discusses the playful poetic genre when dedicated to children, because the poem recalls a game to play with words. The most important is that poetry, by remembering a play for children, makes her enter the world of writing providing opportunities for the development of taste and habit of reading.

Keywords: Gender poetic. Playful. Game. Play.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira; CECCANTINI, João Luís. Poesia brasileira para crianças: Uma ciranda sem fim. In: RECHOU, Blanca-Ana Roig; LÓPEZ, Isabel Soto; RODRÍGUEZ, Marta Neira. *A poesia infantil no século XXI (2000-2008)*. Galícia: Xerais de Galícia, 2009. p. 195-217

BEBIANO, Elza. *Coisas de crianças*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

BORDINI, Maria da Glória. *Poesia infantil*. São Paulo: Ática, 1986.

ISER, Wolfgang. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção* Hans Robert Jaus... et. al.; coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LALAU. *Japonesinhos*. São Paulo: Peirópolis, 2008.

MEIRELES, Cecília. *Ou isto ou aquilo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

MELO, Veríssimo de. *Folclore infantil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1985.

MORAES, Vinicius. *A arca de Noé*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

MURRAY, Roseana. *Classificados poéticos*. Belo Horizonte: Miguilim, 1991.

OBORG, Sílvia. *Como vai a poesia? Uma conversa com mediadores de leitura*. Disponível em: <www.tigrealbino.com.br> Acesso em 13 de Marc. 2013.

PAES, José Paulo. *Poemas para brincar*. São Paulo: Ática, 1991.

QUINTANA, Mário. *Lili inventa o mundo*. São Paulo: Global, 2005.

_____. *Sapato furado*. São Paulo: Global, 2006.

SEBEN, Paulo. Encadeadinho. In: AGUIAR, Vera Teixeira de. (Coord.). *Poesia fora da estante*. Porto Alegre: Projeto, 1997.

VIGOTSKY, L. S. *La imaginación y el arte em la infância*. Madrid: Akail, 1982.

* Recebido em 03/10/2013

* Aprovado em 15/11/2013